

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

CAMINHOS DA TERRA FLORIDA

RITOS DE ADORAÇÃO DA TERRA

Caiu hoje, a 13 de Fevereiro, o primeiro dia do Ano Novo xintoísta. Nos campos do Japão, em cada pequena aldeia japonesa, é a ocasião da festa xintoísta da adoração da fertilidade da terra e da consagração das sementeiras.

Fui ver a que se fazia num arrabalde de Tóquio, a um ou dois quilómetros duma das avenidas principais, num pequeno rincão, onde um casario aldeão e pobre cultivava a primor pequenos campos verdes, com talhos de couves envoltas cuidadosamente em papel, rabanetes e espinafres a cheirar a excremento, hortaliças que todas as manhãs vão vender ao mercado da grande urbe.

Só a fidelidade à tradição e o alvoroço pelo modernismo, tão tipicamente mesclados no carácter japonês, oferecem explicação para esta surpreendente sobrevivência dum rito primitivo e bárbaro na própria capital do Império.

Aos lados do caminho, há também campos estrumados e lavrados de novo; a terra húmida e preta abre-se fofa e prometedora à espera do arroz. Mais adiante, à direita da estrada, ergue-se um *torii* de madeira, de vermelho vivo, e ao fundo dum carreiro fica o pequeno templo, com a larga casa do padre ao lado.

A cerimónia religiosa começa à noite, sob um céu espesso e frio, prenunciando neve. À frente vem uma dúzia de rapazes batendo ruidosamente o caminho com canas de bambu, para escorraçar os demónios do chão que a procissão vai pisando. A seguir vêm os notáveis da freguesia, com lanternas de papel na mão, o padre xintoísta, todo de branco, o andor com o sacrário do deus aos ombros dos moços, e por fim a multidão de homens e mulheres.

Ao chegar ao *torii*, a procissão é parada pelos demónios. O primeiro a atacá-la é um demónio preto com uma maça de duas pontas brancas. Mas saltam-lhe à frente os

adjuutores, brandindo uma espécie de lança acabada na ponta em flores coloridas, e põem-no em fuga, encorajados pelo coro da multidão que grita, num misto de ameaça e de medo – *vô! ôô! vôô!* Porém, os espíritos malignos não desistem. Agora o ataque é feito por um dragão onduloso e comprido como um enorme verme, de brilhantes olhos negros; depois vem um leão, armado grosseiramente em serapilheira sob a qual aparecem as pernas dos dois actores. Por fim, surge um homem, agitando nos braços um menino de cinco anos, que em meneios e passos de dança rudimentar oferece a criança, em sacrifício, ao deus do templo. A lança de flores, de cada vez corta o ar, vigorosa e ameaçadora, e os demónios, os dragões e o sacrificante têm de se pôr em fuga.

A procissão continua então ao longo do caminho estreito do templo. O ataque dos demónios repete-se mais duas vezes, sem sucesso. Por fim, a procissão chega à porta do templo. Em frente deste há um recinto limitado por varas verticais de bambu, seguradas por rapazes, com insígnias de papel. As varas mais altas ostentam o disco do sol com os seus raios, símbolo da deusa Amaterasu-Omi-Kami; as mais baixas, a lua, Ó-Tsuki Sama. No largo fronteiro ergue-se um monte de ramos verdes. Os anciãos da aldeia reúnem-se no recinto, em volta dum tambor, e começam a entoar cantos invocativos aos deuses da Terra. O nome do deus do arroz ouve-se com mais frequência. O xintoísmo é, na origem, uma religião dum povo agrícola, por isso a maior parte dos seus ritos se prendem com os alimentos e os trabalhos da lavoura. Os textos dos cantos sacros são frequentemente obscuros, contendo muitas palavras cujo significado se perdeu. A melodia dos cânticos é simples e bela, nada estranha a ouvidos ocidentais, aos quais a vulgar música japonesa de hoje tão exótica soa. Os cânticos são marcados por pancadas espaçadas do tambor, que lhes dão uma ressonância misteriosa na noite primitiva. A multidão comprime-se em roda, curiosa e gelada. Há camponeses, estudantes, crianças, raparigas em quimono, e velhas de caras supersticiosas e enrugadas, que seguem o espectáculo intensamente absorvidos. Não se vê unção, nem temor, nem respeito religioso nesta gente curiosa e divertida. O padre xintoísta, de branco imaculado, chupa um cigarro e sorri para nós, únicos estrangeiros ali. Um rapazote da rádio estende um bambu com um fio – a cerimónia é rádio-emitida.

Agora o canto torna-se agudo e o bater do tambor rápido e intenso. O enorme monte de ramos começa a arder, num crepitar sonoro de bambus verdes; as labaredas alastram e sobem. Ao alto da fogueira vê-se uma boneca grande como uma criança – *yoneko* (donzela do arroz) – de cara branca e nítida, que o fogo ilumina e começa a lambar. O canto e o tambor soam mais rápidos e agudos, subindo às últimas notas dum

opressivo anseio. A boneca parece debater-se no fogo, bailar nas chamas, até ao busto feita numa brasa, a cara nítida e inexpressiva; depois, toda ardente, oscila e cai aos pés das primeiras filas de povo. A multidão solta um “ah!” longo, de alívio, um “ah!” temeroso, que desperta no seu inconsciente os abalos do primitivo terror dos deuses, que se liberava em sacrifícios humanos. A boneca ardeu rapidamente: quer dizer que o sacrifício foi bem aceite pelos deuses e que a colheita vai ser farta.

Consumado o sacrifício simbólico, a tensão afrouxa, a fogueira cai num braseiro raso e começa então a parte cómica final. A natureza humana é frágil e inconstante; depois da tragédia que torna tenso, requer a folia cómica que relaxa. Os cantos e o tambor fundem-se agora num ritmo ligeiro e jovial, que graceja e brinca. Ao som festivo vem dançar um par de velhos, com papel a fazer de cabelos brancos, uma dança brejeira, de gestos ridículos e explícitos da anatomia do amor e das angustiosas convulsões em que o homem se gera e se consola deceptivamente da sua sorte triste. Desta farsa rústica e grosseira, sobrevivente, sob a luz eléctrica deste século, dos ritos arcaicos do *dengaku*, foi que se originou uma das quais belas artes nipónicas, o *nô*.

O canto e o tambor param. A festa acaba.

E os camponeses irão amanhã para os campos lançar as sementes à terra, tranquilos e confiados na benignidade dos deuses, cujas iras aplacaram pelos ritos que inconscientes passam de gerações a gerações, no temor religioso e cego à crueldade indiferente das forças da terra.

(*Caminhos da Terra Florida*, 13-16)

O PRIMEIRO PORTUGUÊS QUE SUBIU AO CIMO DO SAGRADO FUJIYAMA

É no cume do Fujiyama que habitam os velhos deuses nipônicos. O Fujiyama, a montanha mais alta do Japão, é o Olimpo da religião japonesa, sólio sagrado do xintoísmo. Só quem tenha contemplado de longe o majestoso cume, duma pureza e elegância de linhas como nenhuma outra montanha, os imensos contrafortes brancos doirados pelo Sol, pode compreender o que representa o Fuji na história e na lenda do Japão e na imaginação de cada japonês. Além da sua beleza invulgar, a atracção do Fuji provém dos seus caprichos, ora exibindo magnífico a sua esbelta majestade, ora, logo um instante após, escondido entre nuvens, o vulto esfumado e suspenso do céu, etéreo como uma miragem. Os japoneses do campo, ainda hoje, ao vê-lo, ajoelham e erguem as mãos aos deuses. Quando o comboio passa no sopé do Fuji, é um reboliço pelas carruagens, e as velhas mulheres piedosas batem duas vezes as palmas religiosamente. Há grandes pintores que dedicam uma vida inteira a pintar exclusivamente quadros do Fuji-*san*.

Não admira pois que, impressionado por esta aura, a minha ambição, desde que cheguei ao Japão, fosse pôr os pés no cimo da montanha sagrada.

Incitou-me ainda mais o dizer-me o professor Abranches Pinto, que tem mais anos do Japão do que Wenceslau de Moraes, que seria eu o primeiro português a subi-la.

Parti com dois companheiros, um espanhol e um inglês, num dia quente de Verão. Em todo o caminho, desde Tóquio, não conseguimos divisar o cume, oculto por nuvens espessas. Chegámos a Fuji-Yoshida, uma cidadezinha do sopé, onde existe o principal templo consagrado aos deuses que vivem na cratera da montanha, principalmente a Hime-no-Mikoto, que do céu caiu sobre a boca do vulcão em chamas.

Antigamente, antes de se empreender a subida, tinha de se ser purificado. Nós limitámo-nos a comprar um bordão de peregrino e um chapéu cónico de palha, igual aos que usam os camponeses nos arrozais. A ascensão está dividida em dez estações, as casotas onde se pára para tomar um pouco de descanso e uma chávena de chá. Os primeiros quilómetros são transitáveis, pudemos fazê-los de jipe. Depois seguimos em cavalos até à sétima estação. Tomámos então cada um o seu bordão, que cuidadosamente fôramos gravando, nas sucessivas estações, com sinetes de ferro em

brasa, e pusemo-nos valorosamente a caminhar. Estávamos a meio da montanha. O sol afogava-se nas nuvens num clarão raiado e melancólico.

Primeiro, os nossos passos eram ágeis e fáceis; mas o caminho, em estreitos ziguezagues, era muito íngreme, em cada passo tinha de se carregar com o peso inteiro do corpo. Aqui, mais perto do alto, há casas entre cada estação; era agradável sentar-se e tomar um chá consolador. Durante os três meses do Verão vive gente nestes casinhotos serranos de pedra solta, fazendo comércio de bebidas e estalagem. Pomo-nos de novo em marcha. O caminho é mais difícil, ainda mais íngreme e pedregoso. Desceu a noite e faz escuro. A certa altura perdemos o estreito carreiro e ficamos a resvalar numa moreia, nem para trás nem para diante, as nossas lâmpadas de bolso inúteis para distinguir na imensidade da montanha. Faz um frio de gelar, mas todos transpiramos, alagados. Os gritos de outros caminhantes, por fim, orientam-nos. Estamos cansados. A nona estação parece já perto, mas ainda vamos ter uma longa hora de ascensão árdua. Ao lado do caminho encontramos um japonês exausto. Ajudamo-lo a caminhar. Ficar assim deitado dez minutos sob este frio, é certa uma pneumonia mortal. Por fim, chegamos à nona estação. Estamos todos exaustos. Ceamos uma ceia simples e serrana de *sukiyaki*, em volta da fogueira. Há umas dezoito pessoas – japoneses e dois padres italianos. A chaleira enorme fumea, toma-se chá, contam-se histórias. As histórias que se contam em toda a parte, em roda do lume, numa noite gelada. Deitamo-nos em tarimbas. Faz frio, a cama é dura, a respiração é difícil e incómoda, com o ar rarefeito da altitude a que estamos, três mil e duzentos metros. Nenhum de nós consegue pregar olho. Às três da madrugada, tomamos chá quente e partimos.

Faz escuro. O frio corta, apesar das camisolas de alpinismo, do casaco impermeável, dos dois pares de luvas. Agora o carreiro vai cheio de gente, que se levantou toda à mesma hora para chegar ao cume ao nascer do sol. É uma longa fila de luzinhas, que lembra uma procissão de almas condenadas, cumprindo a sua pena. Pequenas campainhas, que cada um leva presas ao seu bordão, espalham tinidos flébeis como vagidos na vastidão da montanha. A ascensão é mais difícil ainda. A manhã vai clareando, divisa-se já o *torii* do cume. Ao fim de uma hora, chegamos – no momento em que a deusa do Sol, Amaterasu-Omi-Kami, mãe do Japão e senhora excelsa entre todas as divindades, assoma sobre um imenso manto branco de nuvens, numa glória de fogo. Observo os japoneses: todos eles estão imóveis e comovidos. Também eu me comovo, ao pensar que, duma pequena aldeia do Roboredo vim aqui, ao cume sagrado do Japão, à procura de maior comunhão com as suas tradições, a sua fé lendária, os

mitos que alimentam a imaginação e o coração do seu povo. E, tomado duma exaltação que hoje me não explico, fui ao templo mais perto do céu japonês, trouxe de lá uma garrafa de *sakê*, que deitei nas mãos em concha, e, fitando de frente o Sol, bebi comovido o sagrado vinho.

Na minha mente surgiu, em forma de verso japonês, o meu estado de alma naquele momento de exaltação:

Sol criador, purifica

O meu coração. Dá-lhe a força

Virgem da sinceridade.

No cimo do Fujiyama, ao lado do pequeno templo, que é também uma choça de pedra solta, há lojinhas de lembranças e uma estalagem de comes e bebes. A cratera, hoje extinta, é imensa, desolada, sem beleza. Toda a montanha, do meio para cima, é hedionda, duma monótona pedra avermelhada, com montões de latas vazias ao lado dos carreiros. A vertente norte está coberta dum imenso cobertor de neve. Estamos a 3 850 metros de altitude. O panorama de nuvens é sublime.

Iniciamos a descida, escorregando pela terra solta das moreias. Nos carreiros, centenas de pessoas que sobem, entre elas algumas mulheres e muitos americanos. Aos *good morning* destes, respondo exuberante com uns cordiais *bons dias* em português, que, talvez por não compreenderem, deixa alguns estupefactos e a mim enormemente divertido. Quase ao fundo, encontramos uma velhinha, toda de branco, ajudada por um rapaz, também com uma túnica de imaculada alvura. Era assim que nos velhos tempos todos os peregrinos subiam a montanha sagrada, brancos na alma e nas vestes. A velhinha pára para as nossas fotografias, sorridente e bondosa. Depois dos esforços e canseiras que acabamos de passar, podemos imaginar a força da fé daquela velhinha, que se abalança com as suas pernas pouco firmes a ir visitar o lar dos deuses das suas crenças.

Afasto-me do Fuji, cansado e desencantado, como quem dissecou até ao seio uma ilusão querida. A mentira da sua beleza, a ilusão dos seus deuses que consolam em crenças o povo japonês desde há três mil anos.

Já longe, a duas horas de estrada, um dos companheiros volta-se para trás e exclama exaltado: – O Fuji-san!

Paramos o automóvel para ver o cimo branco, o cone emergindo dos nimbos alvos, como suspenso, magnífico e belo, daquela beleza irreal que envolve de longe as coisas que a nossa crença ou o nosso amor doira de ilusão e de sonho.

– Vós lá sabeis porque fizestes a beleza distante e árdua, ó deuses inacessíveis!

(Caminhos da Terra Florida, 23-27)

À MANEIRA DE TANKA

Ao longo dos caminhos de neve
Do templo, ao meio-dia
As sagradas lâmpadas de papel.
Claridade eterna à luz
De um dia inútil.

Do seio do amor saí
Para as ruas da madrugada
Deserta. A gelosia iluminada
Do teu quarto, não esquecerei
Por mais anos que viva.

Noite estival, aos
Antepassados consagrada.
Ao abandono vogam lanternas
De papel no rio. Mais
Abandonada, no céu a lua.

Na velha casa em
Ruínas, lagartos passeiam
Traves apodrecem húmidas
E uma acácia jovem
Inunda orgias de oiro.

O piar triste das aves do Buda
Que nunca se mostraram
Aos homens. Tambores do templo
Noite fora invocando
Os mortos. Outono.

Nippon florido e raro

Onde as mulheres são formosas

Divinas as paisagens

A arte rica e de todos

E a vida tem alegria.

(Caminhos da Terra Florida, 83-84)

OS MEUS HAIKAI DAS QUATRO ESTAÇÕES

Na manhã de neve *Yuki no asa*
A alegria inesperada *Tanoshige ni.*
Dum canto de ave. *Kotori no uta ya*

Cobre-te de sorrisos e camélias
Que a tua vida sempre
Fulgure, breve.

A tarde brincando lúcida
No jardim entre as flores.
No rio imóvel, um barco abandonado.

Não anseio por deusas.
Quero-te a ti – mulher
E pura como a primeira neve.

Ai ah! a alegria louca das copas
Na floresta brincando
Altas com o vento e Sol!

Cantos xintos à deusa do Sol
Ecos que a madrugada traz
Do passado e entrega ao novo dia.

Na mão a lanterna de papel violeta,
Vais com a graça irreal das sombras
Que na noite desenhavas.

A água na pedra velha
Goteja. Um voo. O entardecer
Dilui no coro das cigarras.

É um roseiral de sangue e rosas
Pelas montanhas do Outono,
Ou folhas do *momiji*?

Matsushima – ilhas mil. Solitários
Pinheiros. Velas imóveis.
Cortando o silêncio gaivotas.

O fio duma flauta solitária.
Depois vozes graves
Entoando versos do *nô*.

A montanha e a lua.
À janela de papel, tu
Distante e sentada.

(*Caminhos da Terra Florida*, 85-86)

HARUMI

(Conto luso-japonês)

Nessa tarde, quando viu o céu clarear, Francisco Zeimoto saiu e foi andando para a praia, de espingarda ao ombro. Em meados de Junho começa no Japão a época das chuvas, o *nyubai*, e já havia mais de duas semanas que chovia quase constantemente, o que o impedia de gozar a sua distracção favorita – atirar dois ou três tiros às gaivotas. A praia enchia-se de gente, não porque lhe admirassem a pontaria, que na verdade era certa, mas porque espantava os japoneses verificar que se podia atingir um pássaro com algo que se não via, como se vê uma seta. Além disso, Zeimoto e os seus dois companheiros já estavam habituados a ser seguidos e olhados com curiosidade e desconfiança por toda a parte. Em frente das casas em que os instalara o governador da ilha de Tanegashima, no sul do Japão, onde os levara uma tempestade, naufragos e exaustos, havia frequentemente grupos que conversavam e espiavam as janelas.

Zeimoto, como era de feitio alegre e comunicativo, e também o que mais depressa começou a aprender frases em japonês, metia-se de conversa com eles. Como era risonho, folgazão e gostava de brincar com as crianças, muitos japoneses tratavam-no com afabilidade.

Apesar disso, tanto ele como os outros dois portugueses, António da Mota e António Peixoto, que com ele tinham desembarcado em Tanegashima, depois de terem vogado três semanas perdidos no mar, sentiam-se prisioneiros. Tudo o que haviam salvado do naufrágio fora a espingarda de Zeimoto, um barril de pólvora, uma lâmpada indiana de cobre lavrado, as espadas e alguns arrâteis de pimenta molhada.

A tarde estava límpida, toda banhada da luz suave do céu húmido. Os barcos dos pescadores balouçavam nas amarras. Do outro lado da pequena baía, o sol doirava as copas dos pinheiros. Além, num rochedo agudo e musgoso, no meio do mar, um pinheiro de ramos docemente abertos pendia para a água, com um galho desigual e muito inclinado. As gaivotas e as andorinhas do mar, ora brincavam sentadas sobre as ondas, ora levantavam voo para cair a pique num mergulho rápido.

Zeimoto tinha carregado a espingarda cuidadosamente em casa. Queria fazer um tiro espectacular, que deixasse embasbacada a assistência que a cada momento ia aumentando. Mota e Peixoto, tímidos e menos sociáveis, sem terem aprendido ainda uma palavra de japonês, foram essa tarde pescar. Faziam pouco das suas historietas com

os japoneses, de que ele se gabava, mas no fundo confiavam na facilidade com que Zeimoto se entendia com os nipões para algum dia os salvar de dificuldades. Zeimoto apontou a espingarda para cima, esperou que a gaivota chegasse ao pino do seu voo e, com um enorme estrondo do arcabuz, o pobre pássaro veio cair-lhe a dois passos. Os japoneses, que eram já uns trinta ou quarenta, soltaram um “ah!” de admiração. Um padre budista, de cabeça rapada, alto e muito magro, começou a resmungar protestos pela morte dos animais que o Buda manda respeitar. Mas os outros, surpreendidos, sem poderem explicar-se o feito mágico, não davam atenção à indignação do bonzo.

Zeimoto encarou os assistentes com um largo riso vaidoso de bom rapaz e pôs-se a carregar de novo a espingarda ainda fumegante.

Adiantou-se então para ele um japonês de meia-idade, forte e atarracado, com um andar sólido e um sorriso cortês.

– Boa pontaria, ninguém era capaz de chegar com uma seta a essa altura. Valioso aparelho! – disse já a seu lado, examinando interessadamente a espingarda.

– Quer experimentar, Senhor Yuase ?

– Não sei fazer funcionar isso.

– Eu ensino-lhe. – E Zeimoto meteu-lhe a espingarda nas mãos e mostrou-lhe como se faz a mira. Desde havia muitos dias que Yuase seguia Zeimoto, a examinar-lhe atentamente a espingarda. Como ele era fabricante de espadas, Zeimoto achava natural esta curiosidade e fazia gosto em ensinar-lhe a atirar. Fazia até muito gosto, porque Yuase-*san* tinha duas filhas, e uma delas muito bonita.

O japonês visou cuidadosamente uma gaivota que desfazia vagarosa um largo voo; ouviu-se o tiro e a gaivota caiu no mar. Os assistentes romperam em ruidosos aplausos, com excepção do padre budista, que protestava de novo, esfregando o rosário nas mãos, como se estivesse a exorcismar algum demónio invisível.

Yuase-*san*, exultante com a façanha, convidou Zeimoto a ir à sua loja tomar chá. Foi a filha bonita do alfageme que veio recebê-los à porta e ajudar Zeimoto a descalçar os sapatos. Chamava-se Harumi, que quer dizer *Mar da Primavera*. Atravessaram a loja, onde por toda a parte relampejavam lâminas polidas, e entraram numa grande sala de chão de esteiras de palha de arroz, *tatami*. A sala era fresca e nua. Havia apenas ao fundo, no *tokonoma*, o lugar dos deuses, um vaso com um cardo e uma pequena haste de folhas verdes, e, pendente da parede, a pintura duma cascata numa longa tira de seda. No meio da sala, o único móvel, a mesa baixa de charão, junto da qual se sentaram, no chão, sobre almofadas de seda. O ambiente era de gosto, de quem vivia bem, e duma

escrupulosa limpeza. As corrediças de papel largamente abertas deixavam ver o jardim, com um pequeno lago, uma pontezinha curva e lanternas de pedra sob as árvores.

Harumi, apressada e graciosa, trouxe uma bandeja vermelha de charão com o bule do chá, duas chávenas e vários pratinhos com bolos de farinha de feijão, de diversas cores e feitios, imitando frutos e flores.

Zeimoto não tirava os olhos de Harumi, encantado nos seus modos gentis, cheios de graça e suavidade, no sorriso fresco, de dentes brancos e pequenos. O rosto dela era longo e doce; tinha uma boquinha sensual, pequena e de lábios rubros e os olhos muito longos, e tão estreitos que, quando ria, com um risinho fresco e trémulo, não se via senão o delgado traço das pestanas de seda. Zeimoto, ao observar-lhe os olhos, mais atraído pelo mistério que os escondia, admirava-se que ela pudesse ver por tão estreitas fendas. O mundo, visto assim, havia de ser forçosamente bem diferente do seu.

Yuase-san espiava, de rosto impenetrável, o entusiasmo de Zeimoto pela rapariga. Depois de beberem o chá, mandou trazer *sakê*, o vinho de arroz. Zeimoto prometia a Yuase-san que havia de fazer dele um grande atirador.

Harumi, seguida pela irmã, chamada Ai, entrou com uma bandeja com duas garrafinhas de porcelana azul, onde vinha o *sakê* quente, copinhos minúsculos da mesma porcelana e uma caixa com tabaco e delgados cachimbos japoneses. Ai, cujo nome significa *amor*, trazia uma bandeja com várias conservas de vegetais. Era pequena e redonda no rosto e nas ancas, e tinha uns pés miudinhos.

Yuase-san, sempre de rosto impassível, cheio de cortesias, respondeu após um longo espaço que não, não tinha interesse em atirar bem. Fez uma pausa, e cerrando um pouco os olhos acrescentou numa voz decidida: – O que eu quero é aprender a fazer uma espingarda. Quanto quer por me ensinar?

Zeimoto ficou indeciso sobre o significado da mirada que o japonês deu à filha ao pronunciar estas palavras.

Yuase-san levantou-se com uma risada cortês e convidou-o a segui-lo.

– Vou mostrar-lhe o meu jardim. Tenho uma colecção de *bonsai*, árvores anãs, como não há outra em Tanegashima.

Desceram para o jardim. Harumi veio meter as *geta*, os tamancos de tábua, nos pés de Zeimoto, enfiando-lhas apenas no dedo grande, como é uso. Não havia flores; apenas alguns velhos pinheiros e arbustos dum verde macio; um veio de água gorgolejando sobre areias carmesim, uns penedos musgosos, dispostos com arte. Passaram uma pequena sebe e apareceram várias filas de mesas sobre as quais estavam postas as

árvores anãs, cada uma crescendo dum montãozinho de terra, que às vezes era uma paisagem em miniatura, numa bandeja de barro preto. Yuase-san ia-lhe explicando o género de cada árvore e a sua história. Havia-as com quatrocentos anos que não mediam mais de dois palmos de altura. As mais bonitas eram duas cerejeiras todas floridas, com velhos troncos anosos da grossura de um dedo polegar.

Depois que acabou de lhe mostrar os seus *bonsai*, Yuase-san ficou longo tempo silencioso, parado, olhando ao longe. A expressão do seu rosto era impenetrável como se tivesse posto uma máscara. Zeimoto pressentiu que ele lhe queria dizer uma coisa importante.

– Harumi é muito boa – disse por fim.

– Muito boa e muito linda; como a *sakura*, a flor da cerejeira – acudiu Zeimoto vivamente.

– Dou-lha em troca da sua espingarda – cortou o japonês num tom áspero.

Zeimoto, surpreendido e atrapalhado, respondeu logo: – A espingarda é sua.

Voltaram à sala, e passaram pela oficina. Desta vez, estava ali o ajudante de Yuase-san, um rapaz alto, de uns vinte e sete anos, chamado Kohei, que fitou insistentemente Zeimoto, com desconfiança e hostilidade.

Zeimoto despediu-se e foi rua abaixo architectando sonhos. Que linda rapariga! Sua! Com ela podia ficar no Japão.

Bastava-lhe ir duas vezes por ano a Macau e à China, com um barco maior, e depressa estaria rico. O país era encantador, como não tinha visto outro. Havia de ir às outras ilhas, talvez a Quioto, a cidade do Imperador, de que diziam maravilhas, viajar, conhecer. E sobretudo amaria Harumi, perder-se-ia no mistério dos seus olhos inescrutáveis e negros como a noite nas grutas. Mais tarde, levá-la-ia para Portugal.

Só no dia seguinte Zeimoto ousou confessar aos companheiros que tinha dado a espingarda. António da Mota e Peixoto ficaram furiosos e por muitos dias nem sequer lhe falaram.

Nessa noite, Harumi apareceu em casa de Zeimoto. Seguiam-na uma criada e dois carregadores, que levavam uma arca suspensa numa vara ao ombro. Harumi, muito tímida, não ousou bater à porta. Sentou-se no degrau de madeira e ali ficou calada e imóvel. Quando Zeimoto, já impaciente, abriu a porta, deu com ela, de olhos no chão, receosa. Zeimoto tomou-lhe a mão e fê-la subir. Os dois homens depositaram à entrada a arca que continha as riquezas de Harumi – os seus quimonos, as suas bonecas, os seus pentes, o seu espelho de aço.

Zeimoto tinha mandado preparar um bom jantar, mas ela não tocou na comida. Condescendeu apenas em tomar um copinho de *sakê*, à felicidade de ambos.

Era amável e boa, esmerava-se em sorrisos, dizia que estava contente. Mas no ardor dos seus abraços, Zeimoto cingia apenas um corpo dado e passivo.

A pouco e pouco, o frio foi derretendo, e com as semanas que passavam, Zeimoto ia sentindo que o coração dela se rendia.

Sentado no chão sobre uma almofada de seda, Zeimoto passava suavemente os dias, em alegrias serenas e entretidas, tomando chá verde por minúsculas xícaras sem asa. Encantava-se horas a vê-la cirandar pela casa, linda e mimosa, de pés descalços, as mangas longas do quimono oscilando, o *obi* de desenhos e cores ricas, que lhe envolvia a cintura, fazendo-a mais elegante e franzina. Andava com pequenos saltinhos, deslizando sobre o chão de *tatami* sem ruído, ligeira como uma ave, toda em ondulações suaves, em curvas finas, em que a graça apagava a sensualidade.

Nunca ele pudera imaginar tanto requinte num ser humano. Assim como um artista procura exprimir toda a espiritualidade e toda a graça de que o seu talento é capaz num pedaço de tela, numa escultura, num poema, Harumi, pela educação e pelos seus dons naturais, tinha-se habituado a exprimir toda a sua graça e espiritualidade no porte, na maneira de andar, de abanar o leque, nos sorrisos, nas cortesias, na fala musical, nos gestos das suas mãos harmoniosas e brandas como pétalas levadas nas aragens. E com isto era viva e cheia de espírito; as suas observações sobre as maneiras de Zeimoto, os seus ridículos ocidentais, embora sempre em frases corteses, tinham um humor e nitidez crítica que às vezes o faziam rir em gargalhadas.

Zeimoto brincava com ela, ria dos cuidados demasiados com que ela o tratava, da coqueteria com que ela amava os seus quimonos, dos seus excessos de limpeza. Ela, por resposta, apenas sorria levemente e tímida.

Prometeu-lhe Zeimoto um dia ensinar-lhe a cozinhar um prato português, o que a deixou muito contente. Mas quando lhe explicou que era de carne, ela ficou horrorizada. Nesse tempo, no Japão, ninguém comia carne, por ser contra os preceitos divinos do Buda. O budismo proíbe que se matem os animais, que têm espírito como nós e podem ser mesmo reencarnações de pessoas. Ele insistia, e o tempo e a curiosidade feminina foram-lhe limando os escrúpulos; um dia consentiu. Zeimoto tinha trazido uma galinha que apanhara no bosque.

Fecharam todas as portas cuidadosamente, para que ninguém viesse descobri-los em flagrante delito contra o Buda e contra toda a sociedade nipônica. Por séculos e

séculos não se ouvira que alguém, em solo japonês, houvesse atentado contra tão sagradas tradições. Era um crime capital; se fossem descobertos seriam severamente castigados.

Ai, a quem Harumi não pode conter-se de confidenciar o segredo, quis vir também provar o sabor do terrível pecado.

Puseram sobre a mesa baixa de charão uma caçarola de barro, assente sobre um alguidar, que era crivado de buracos redondos, onde ardia o lume de carvão de madeira. As brasas que por acaso caíam apagavam-se logo num prato com água que estava por baixo. A carne da galinha fora metida na caçarola em bocados e sem ossos, com pedaços de cebola, couve e outros vegetais, nadando tudo em molho de soja. (Foi este o prato que os portugueses introduziram no Japão e que os nipónicos hoje vulgarmente comem sob o nome de *sukiyaki*).

Zeimoto surpreendia-se com o esmerado asseio com que podiam cozinhar no meio duma sala, sem deixar cair um pó de carvão ou uma migalha de comida na alvura do *tatami*. Mas o que mais o impressionava, era a delicadeza de maneiras das duas japonesinhas, a finura das relações entre ambas. Apesar de serem irmãs, com uma pequena diferença de idade, talvez um ano, eram cheias de atenções uma para a outra; sem formais cortesias, mas com tais mútuas gentilezas e constantes obséquios e pensamentos, que só num país que atingiu um alto grau de educação social seria possível. Que longe da directa e rude franqueza lusitana! No entanto, a afeição entre as duas irmãs é tão sincera que Ai diz que vive apenas para Harumi e que no dia em que esta morrer se matará.

O cozinhado já perfumava toda a casa. As raparigas receavam que os eflúvios da galinha denunciasses o horrendo crime que estavam a cometer, e abanavam os leques para os dissipar. Zeimoto pegou em dois pauzinhos e pôs-se a degustar directamente da caçarola. As duas observaram-no curiosas.

– Está uma delícia! – E Zeimoto lambia os beiços.

– Não é muito duro o animal? – perguntou Harumi.

– Deve saber a seco – acrescentou Ai.

– Prova! – E Zeimoto ofereceu a cada uma um par de pauzinhos.

Estavam ambas excitadas, nervosas, de olhos ardentes postos na caçarola, tomadas de terror e de desejo, posses dum magnífico frémito de tentação. Valeria a pena condenarem-se eternamente ao inferno, a uma cadeia sem fim de reencarnações em seres inferiores, só para tomarem o sabor duma pequena porção de matéria animal?

Zeimoto pegou numa febra fumegante e tocou com ela os lábios de Harumi. Ela teve uma repulsa instintiva – *damé! damé!* (não! não!). Não era o comer, o apetite de saborear – era a tentação do proibido, de invadir o reino fascinante dos pecados tenebrosos. Era a experiência da grandeza e da fragilidade da natureza humana – tomar o risco de perder-se para sempre pelo prazer de tocar o desconhecido; o rebelde desafio aos deuses de recusar os limites por eles marcados e invadir os céus da sua excomunhão.

– Vês – disse Zeimoto –, eu como e o Buda não me fulmina com um raio.

– Castiga-te na outra vida, na tua próxima encarnação.

Zeimoto levou uma febra à boca de Ai, que até ali estivera calada. Ela abriu os dentinhos alvos, com a candura duma criança. Só depois de engolir fez um gesto de surpresa, pela sua própria coragem. Repetiu depois uma, várias vezes, e Harumi então seguiu-a.

– *Oishi, desu ne?* – É delicioso, diziam-se uma à outra.

Ao fim do jantar, ainda excitadas e supersticiosas, não paravam de trocar risinhos sobre a experiência.

Nessa noite, Zeimoto reparou que Harumi procurava os seus abraços com um desolado ardor. O sentimento de cumplicidade trouxe, daí em diante, maior intimidade entre os dois.

O Outono havia chegado; a luz dos dias tornou-se suave, o céu era muito azul, as aragens brandas. O campo exalava uma doce melancolia. Só as florestas de bordos punham brilhos alegres ao sol, as folhas dum vermelho vivo lembrando jardins vastos de camélias.

Era tempo de os três portugueses regressarem a Macau, juntarem-se aos seus, antes que as tempestades do Inverno começassem a levantar os mares. Tinham reparado o barco e juntado mantimentos.

Zeimoto resolvera levar consigo Harumi. Ela dissera que queria partir, que iria com ele para toda a parte. Iria de vontade ou apenas por julgar esse o seu dever, porque se considerava coisa dele, seu senhor absoluto? Era impossível ler-lhe no rosto os sentimentos íntimos. Zeimoto andava muito atarefado com os preparativos da partida e não dava atenção a esses pequenos pormenores. Era de novo o marinheiro absorvido na sua grande paixão viril – o mar.

O governador da ilha de Tanegashima veio assistir à partida e trazer-lhes presentes, para mostrarem em Macau as primícias do novo país descoberto. Ficou combinado que

voltariam com o barco carregado de mercadorias para fazerem comércio. A viagem foi bonançosa e a chegada a Macau mais depressa do que esperavam. Em Macau, ao saberem que Zeimoto, António da Mota e Peixoto haviam descoberto o Japão, festejaram-nos como heróis. E logo se decidiu que na primeira ocasião em que houvesse um barco disponível se faria ali uma viagem de comércio.

Harumi e Zeimoto viviam agora numa casa chinesa, à beira da baía. Ela, sempre doce e amorável, parecia feliz, cumulando-o de carinhos, de adoráveis criancices, de sorrisos. Porém, a Zeimoto, que ia começando a conhecê-la, parecia que no fundo dos seus risos havia uma névoa de melancolia; uma reserva. Era natural que se sentisse por vezes triste. Estava longe dos seus; tinha-os deixado sem um choro, sem um soluço – Zeimoto apenas lhe viu, à partida, duas grandes lágrimas que lhe desciam pelo rosto sorridente. Admirava a têmpera forte da sua alma, no íntimo tão corajosa e severa, e exteriormente tão tenra e fútil. O que não compreendia era essa reserva, uma reserva breve, por instantes apenas, mas que ele pressentia, como adivinhava o rochedo funesto sob as águas calmas brincando ao sol.

Zeimoto fazia de tempos a tempos viagens a portos da China. No regresso, vinha sempre encontrar Harumi mais amorosa, talvez ocultando maior tristeza nos seus sorrisos, sempre entretida com os seus quimonos, as suas bonecas, à espera dele.

Passados uns dois anos, foi possível aprestar uma das naus da Índia para ir fazer comércio ao Japão. Partiram num domingo, depois de todos os marinheiros comungarem e ouvirem missa.

Desta vez, Harumi exultava de alegria aberta, cantando, batendo as palmas como uma criança. Falava muito, apertava ansiosamente as mãos de Zeimoto, andava muito nervosa. Estava grávida. Ele saltava de felicidade ao pensar que ia ter um filho, um filho que seria um tesouro dos encantos dela. Se fosse menina...

Em Tanegashima receberam-nos como amigos. O governador e os notáveis da ilha vieram visitá-los a bordo, trazendo frutas e presentes. Harumi precipitou-se a saber notícias dos seus. O pai tinha morrido num acidente com uma espingarda, pouco depois de ela partir. Kohei comprara a oficina à viúva e enriquecera com a venda de milhares de espingardas que ia espalhando por todo o Japão. A introdução das armas de fogo ia modificar profundamente a vida do país, tradicionalmente belicoso, dividido em clãs e famílias que se disputavam o poder, se guerreavam e chacinavam por uma técnica primitiva, com setas e com espadas. Kohei tornara-se importante, um homem duro e prepotente. A mãe e a irmã de Harumi estavam na praia à sua espera. Zeimoto ajudou-a

a descer para um dos muitos batéis japoneses que enxameavam curiosos em volta da nau.

A recepção a bordo do governador e dos notáveis acabou tarde e o capitão deu ordem para que nenhum marinheiro saísse do barco essa noite.

Na manhã seguinte, Zeimoto foi o primeiro a pôr pé em terra. Quando chegou a casa de Yuase-san, Ai, em grande choro, disse-lhe que Harumi se tinha matado, depois duma discussão com Kohei.

Kohei, em palavras amargas, impunha-lhe que deixasse o estrangeiro e se tornasse sua mulher. O pai tinha morrido, já a não impedia o dever de obediência filial. Harumi ajoelhou diante de Kohei e agradeceu-lhe a fidelidade que lhe guardara, apesar de o pai a ter obrigado a quebrar a promessa que tinha com ele, e depois de tão longa ausência; estava-lhe do coração reconhecida pela veemente sinceridade com que a acusava.

Depois ficou longo tempo calada, impassível, de cabeça baixa diante de Kohei. Não pôde aguentar mais e desatou aos soluços, fugiu dele e meteu-se pela floresta. Foram encontrá-la com um punhal cravado no peito, à entrada do templo do deus Hotei, que é o deus da felicidade.

(Caminhos da Terra Florida, 127-138)

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com exceção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.